

EXPERIÊNCIAS DE ALFABETIZAÇÃO AFROCÊNTRICA: FORMAÇÃO NAS RODAS DE CONEXÃO DE COLETIVOS DOCENTES

EXPERIENCIAS DE ALFABETIZACIÓN AFROCÉNTRICA:
FORMACIÓN EN LOS CÍRCULOS DE CONEXIÓN DE COLECTIVOS DOCENTES

AFROCENTRIC LITERACY EXPERIENCES:
EDUCATION IN THE CONNECTIONS CIRCLE, A TEACHER COLLECTIVE

Taisa de Sousa Ferreira

Prefeitura Municipal de Salvador
taisasferreira@hotmail.com

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

Universidade do Estado da Bahia
jrios@uneb.br

RESUMO

O artigo apresenta como as práticas de leitura e escrita afrocêntricas produzem outras políticas de conhecimento no campo da Alfabetização, partindo de narrativas de experiências pedagógicas, autoria docente e construção de conhecimento entre pares em uma experiência-formação construída na Roda de Conexões com docentes que se inspiram em pedagogias afrocêntricas. Desse modo, o texto potencializa outros modos de *fazer-sentir-pensar* a alfabetização a partir de saberes e formas de (re)existências, construídas em redes que conectam o pensamento afrocêntrico e a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas aos princípios da *Kawaida* e da *Sankofa* para pensar e produzir olhares inspirados na ancestralidade africana junto às práticas de alfabetização (com) partilhadas.

Palavras-chave: Educação afrocêntrica. Alfabetização. Coletivos de formação docente. Narrativas de Experiências pedagógicas. Roda de Conexões.

RESUMEN

El artículo presenta cómo las prácticas afrocéntricas de lectura y escritura producen otras políticas de conocimiento en el campo de la Alfabetización, a partir de relatos de experiencia, autoría docente y construcción de saberes entre pares en una experiencia de formación en la Roda de Conexões con docentes que están dibujando inspiración de las pedagogías afrocéntricas. De esta forma, el texto potencia otras formas de alfabetización hacer-sentir-pensar a partir de saberes y formas de (re)existencia, construidas en redes que conectan el pensamiento afrocéntrico y la Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas a los principios de Kawaida y Sankofa para pensar y producir perspectivas inspiradas en la ascendencia africana junto con prácticas de alfabetización (com) compartidas.

Palabras clave: Educación afrocéntrica. Alfabetización. Colectivos de formación de profesores. Narrativas de Experiencias pedagógicas. Roda de Conexões.

ABSTRACT

In this paper we present the potential of afrocentric reading and writing practices to produce other Literacy knowledge policies. Drawing from teacher narratives of educational experiences, teacher authorship, and knowledge building exchanged among peers during an educational experience – the Connections Circle – involving teachers who draw inspiration from afrocentric pedagogy, we enhance other ways of *doing-feeling-thinking* literacy based on knowledges and resistance/existence strategies forged in networks that connect afrocentric thought to Narrative Educational Experiences Documentation and to the *Kawaida* and *Sankofa* principles so as to reflect upon and foster outlooks inspired by African ancestry to impact shared literacy practices.

Keywords: Afrocentric education. Literacy. Teacher education collectives. Teacher experience narratives. Connections Circle.

De onde partimos...¹

É tempo de falarmos sobre nós mesmos.

Maria Beatriz Nascimento (2007, p.93)

A abertura deste texto, com as palavras de Maria Beatriz Nascimento, traduz a importância de refletir sobre as experiências pedagógicas construídas em contextos de formação nos coletivos docentes, as quais, fundamentadas na abordagem afrocêntrica de educação, buscam visibilizar narrativas e práticas educativas que envolvem docências pretas na produção de outras políticas de conhecimento no campo da Alfabetização.

É importante situar que este artigo nasce de algumas experiências que mobilizamos como docentes – habitando a profissão a partir dos nossos pertencimentos – e como pesquisadoras integrantes do Grupo de Pesquisa DIVERSO, da Rede FORMAD e da Rede Travesías del Sur. O estudo faz parte de uma imersão inicial na Pesquisa em rede intitulada *Redes de investigação docente na escola e na universidade: Processos de documentação narrativa de experiências pedagógicas inovadoras*, financiada pela Chamada CNPq nº 26/2021, a qual compõe nossos planos de trabalho vinculados ao doutorado sanduíche e pós-doutoramento realizado na Universidade de Buenos Aires; integra também a pesquisa de doutorado *Fios da docência: narrativas de experiências pedagógicas afrocêntricas na rede municipal de ensino de Salvador*, em andamento, realizada na Universidade do Estado da Bahia.

Tais inquietações são inspiradas pelo movimento centrado no “tempo de falar sobre nós” que tem se constituído no Brasil (e noutros lugares da diáspora africana) como reflexo das ações de pessoas pretas com consciência política e racial, representadas pelos movimentos sociais, pesquisadores(as) e ativismos cotidianos diversos, em um cenário que tem sido cada vez mais constante na construção de estudos, projetos e ações, especialmente por profissionais da educação e pesquisadores(as) pretos(as), com objetivo de promover contextos educativos (escolares e não escolares) direcionados à garantia de condições de aprendizagem em que pessoas pretas possam aprender e entender a si mesmas e ao mundo, sendo estimuladas em suas diferentes (re)existências. Os movimentos de intercâmbio de saberes e partilha de experiência aqui registrados têm como ponto de partida cursos de extensão com foco no campo de estudos étnico-raciais² e ganharam novos contornos com a instalação da pan-

¹ Revisão linguística realizada Priscila Pesce Lopes de Oliveira. Doutora, Mestre e Bacharel em Letras.

² Curso Educação em Base Africana (UFBA); Produção de recursos didáticos para implementação da Lei nº 10.639/03 (UNILAB); Oficina de Contação de histórias pretas/ Educação afrocêntrica (LITERAFROINFANTIL); Minicurso Afrocentricidade e educação (UFBA); Encontros e possibilidades didático pedagógicas da literatura infantil preta (UEFS); Educação infantil em perspectiva Africana (Afroinfância); Jogos Matemáticos do Continente Africano (Odara Produtora); Jogos e Brincadeiras Africanas e Afro-Brasileiras (UNILAB); A matemática no continente africano e a descolonização do currículo (Odara Produtora); Lições da Luta Negra – Marcus Garvey & UNIA-ACL (UFBA); Comunidades indígenas e quilombolas: cultura, terra e identidade (UNEB); Formação de professores O rio é uma serpente – tópicos para a diferença e justiça social (SESC Sorocaba); Formação docente em Educação para as relações étnico-raciais (UFU).

demia em nossa vida diária, na medida em que viver em isolamento social gerou um fluxo interessante e ao mesmo tempo assustador de oportunidades de participação em eventos, *lives* e cursos.

Tal cenário inspirou a criação da página no Instagram (Profa. Taisa Ferreira) e do Grupo Mawakana Experiências Educativas Afrocêntricas³, espaços de compartilhamento de indicações de leituras literárias, reflexões sobre educação afrocêntrica, discussão sobre educação de crianças pretas (parental e escolar), divulgação de atividades, compartilhamento de projetos didáticos e orientações para práticas pedagógicas afrocêntricas em diferentes áreas do conhecimento, além da partilha de vivências sobre o cotidiano na construção de uma família preta, reunindo professores(as) que se conectaram apesar do distanciamento social e que, aos poucos, foram constituindo espaços coletivos e autônomos de formação e de partilha.

Em particular, interessa-nos aqui refletir acerca da produção de conhecimento sobre alfabetização em perspectiva afrocêntrica desde as experiências formativas realizadas nos ciclos de estudos e partilhas intitulado Roda de Conexões. A Roda é um espaço de encontros em que professores(as), profissionais da educação e famílias pretas integrantes do grupo Mawakana Experiências Educativas Afrocêntricas reúnem-se mensalmente para construção de processos co-formativos em torno de assuntos relacionados a docência e a construção de ações educativas em articulação com a afrocentricidade, para compartilhar experiências, estratégias e práticas pedagógicas, bem como partilhar angústias, desafios, motivações e vivências no contexto de família preta construídas em sua articulação com a Afrocentricidade, potencializando a disseminação de informações e vivências, além da produção de saberes coletivos, teorias, autorias e práticas sobre a educação afrocêntrica dentro e fora da escola.

Inspiradas por essas considerações, nos indagamos: Como educadores(as) orientados (as) pela educação afrocêntrica têm construído suas experiências pedagógicas alfabetizadoras? Assim, mobilizamos-nos a construir reflexões e diálogos com docentes que se conectam a um modo de *fazer-sentir-pensar* a educação básica pautado na construção de novos paradigmas narrativos em torno das questões étnico-raciais e da alfabetização.

Este estudo baseia-se na perspectiva da pesquisa narrativa, desenvolvido a partir de uma experiência-formação construída na Roda de Conexões com docentes que se inspiram em pedagogias afrocêntricas, em diferentes estados do Brasil. As rodas foram utilizadas como dispositivos de investigação-formação e espaço de produção de autoria docente, de modo a potencializar outros modos de alfabetizar a partir de saberes e formas de (re)existências, construídas em redes e rodas que conectam o pensamento afrocêntrico e o trabalho do dispositivo epistêmico-metodológico da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas aos princípios da *Kawaida* e da *Sankofa*.

Docência afrocêntrica: outros modos de *fazer-sentir-pensar* a alfabetização

As discussões aqui tecidas conectam-se ao movimento de construção de trocas entre pares e, sobretudo, ao encontro com a afrocentricidade como campo político-epistemológico que sustenta este trabalho. A afrocentricidade é um paradigma sistematizado por Molefi Asante, na década de 1980, a partir da conscientização política das pessoas pretas e do entendimento de que a sociedade, por meio dos processos de centralidade eurocêntrica, colocou suas agências, experiências e localização na marginalidade dos processos socioculturais, bem como da conscientização política acerca da potência do povo africano no âmbito das diversas áreas de conhecimento e da vida.

3 Espaço coletivo de formação entre pares, criado em julho de 2021 como desdobramento do processo iniciado na página do Instagram, com propósito de compartilhar informações, experiências pedagógicas e recursos pedagógicos, bem como proporcionar oportunidades de debates e partilhas de novidades acerca da educação afrocêntrica.

Asante (2014) sinaliza que a afrocentricidade é um modo de pensamento, perspectiva e ação em que a centralidade dos interesses, valores e perspectivas africanos predominam. Em termos teóricos, é a colocação do povo africano no centro de qualquer análise de fenômenos africanos, percebendo os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos. Segundo o autor, a “afrocentricidade é uma perspectiva filosófica associada com a descoberta, localização e realização da agência africana dentro do contexto de história e cultura” (Asante, 2014, p. 04). Por conseguinte, a agência implica considerar que toda a ação que permeia a população africana diaspórica e continental, nos âmbitos político, econômico, bélico, social, cultural, artístico, educacional, espiritual, psicológico e/ou epistemológico, deve ser fundamentada em experiências e elaborações oriundas dessa mesma população.

Nesse sentido, as ações educativas e pesquisas com dimensões culturalmente não-hegemônicas necessitam de abordagens que realmente se aproximem delas, na medida em que, como sinaliza Asante, frequentemente as discussões dos fenômenos africanos são tratadas “com base naquilo que pensam, fazem e dizem os europeus” (2009, p. 97). Desse modo, a abordagem afrocêntrica tem se constituído como um caminho teórico-metodológico para pessoas pretas que se dedicam a diferentes aspectos da experiência de existir africana na diáspora.

Ao considerar que essa abordagem contribui com o movimento de valorização epistêmica das experiências dos sujeitos e da construção de outros modos de educar, temos nos debruçado nos últimos anos sobre diálogos e produção de experiências pedagógicas, planos de ensino, recursos didáticos e processos formativos orientados para a abordagem afrocêntrica. Tais modos de pensar e construir a docência têm como desdobramento projetos, imersões, vivências que variam conforme as demandas e perfis dos(as) envolvidos(as), mantendo, entretanto, como centralidade a análise afrocêntrica do currículo e a produção de estratégias e recursos que contribuam para a oferta de uma ação educativa que busca romper com a lógica de fracasso imposta pelo sistema educativo, contemplar o conhecimento acadêmico incluindo a compreensão do legado do povo preto na construção das civilizações local, nacional e mundial, visando a favorecer que estudantes pretos(as) conheçam e saibam intervir na cultura hegemônica, que tenham apropriação da cultura e da história de seu povo, criando um ambiente de aprendizagem inclusivo, onde todas as vozes e perspectivas sejam valorizadas. Isso implica em proporcionar um espaço para que estudantes e professores(as) pretos(as) possam compartilhar suas experiências, conhecimentos e histórias, e serem ouvidos(as) e respeitados(as).

Considerar tais questões parece-nos importante na medida em que, ao pensarmos os modos de *fazer-sentir-pensar* a alfabetização historicamente praticados na educação brasileira, percebemos que essa ainda é uma dimensão que inspira muitos desafios àqueles(as) na sala de aula, especialmente no que diz respeito à trajetória educativa de crianças e jovens pretos(as). Os índices de leitura e escrita no território brasileiro expressam de forma bastante intensa como a experiência de alfabetização de crianças pretas está distante das reais necessidades educativas: praticamente metade das crianças pretas e pardas não sabem ler e escrever no Brasil, conforme dados apresentados pela Nota Técnica *Impactos da pandemia na alfabetização de crianças* (Todos pela educação, 2021), a qual revela que no ano de 2021, em torno de 2,4 milhões de crianças entre seis e sete anos não sabiam ler nem escrever. No ano de 2019, o quantitativo de crianças negras que não sabiam ler e escrever era de 1,4 milhão. Tais dados indicam um aumento de 66,3% no número de crianças de 6 e 7 anos de idade que, segundo seus responsáveis, não sabiam ler e escrever. Ao especificar o recorte de crianças pretas e pardas de 6 e 7 anos de idade que não sabiam ler e escrever, os dados sinalizam que os percentuais passaram de 28,8% e 28,2%, em 2019, para 47,4% e 44,5%, em 2021, ao passo que entre as crianças brancas o aumento foi de 20,3% para 35,1% no mesmo período.

Compreendemos que os motivos para tais percentuais podem ser diversos, abrangendo condições de aprendizagem, condições de ensino, questões sociais e a pandemia, entre outros fatores, e aqui não tratamos de investigar tais motivações; contudo, tais dados nos movimentam e fortalecem nossa compreensão quanto à necessidade da perspectiva afrocêntrica como importante possibilidade para pensar e propor outros modos de *fazer-sentir-pensar* a alfabetização, uma vez que a identidade racial configura fator diferencial na aquisição da leitura e da escrita no território brasileiro.

Nesse sentido, considerando tais questões, desde uma docência orientada pela afrocentricidade propomos pensar as práticas de alfabetização inspiradas pela ancestralidade africana, refletindo sobre a importância de experiências educativas que considerem os valores civilizatórios que constituem as histórias daqueles(as) que estão na sala de aula.

Para construir tais propostas, nos inspiramos na constituição de um movimento *Sankofa*⁴. Cabe situar que *Sankofa* é um dos elementos da filosofia Akan e simboliza a busca desse povo pelo conhecimento baseado em um exame crítico e em uma investigação na qual o passado é entendido como uma referência para o planejamento do futuro. Os Akans acreditam que deve haver movimento e novo aprendizado à medida que o tempo passa, tendo o compromisso não esquecer/manter viva a produção do passado enquanto novos saberes são constituídos. No contexto de nossas propostas, *Sankofa* é considerada a partir da importância de olhar para o passado, para o vivido, para o experienciado, para entender quem somos, o que fazemos e aonde queremos chegar.

Nesse sentido, na construção desses outros modos de *fazer-sentir-pensar* a alfabetização, consideramos as experiências de existir e dos saberes das pessoas pretas; ao mesmo tempo, na construção da formação docente na Roda de Conexões, apoiamos-nos no movimento *Sankofa*, tendo como inspiração princípios do dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas⁵, como autoria, horizontalidade e alteridade, para fomentamos outra forma de compreender a produção de conhecimento, as experiências pedagógicas e a formação, pensando tanto a partir da experiência das pessoas pretas em África e na diáspora, quanto nas teorias sobre seu modo de aprender e desenvolver experiências que considerem suas reais necessidades para mobilizar a construção de um traçado que leve em conta os diferentes sujeitos que vivem, pensam e constroem a escola.

Inspiramo-nos também nos princípios da *Kawaida*, perspectiva filosófica sistematizada por Maulana Karenga, que se constitui como

Uma perspectiva cultural crítica que privilegia a tradição, requer a razão e insiste na prática ao apreender o conhecimento e provar seu valor final. Kawaida é uma filosofia da mudança cultural e social que tem como um de seus princípios centrais a premissa de que a cultura é o terreno de autocompreensão e de autorrealização e de que ela requer o diálogo. (Karenga, 2009, p. 240).

Kawaida, enquanto perspectiva filosófica afrocêntrica, ensina que tudo o que pensamos e fazemos deve ser baseado na tradição e na razão – que, por sua vez, estão enraizadas na prática da ética africana. Nessa perspectiva de pensamento, tradição é nossa base, nossa âncora cultural e,

4 *Sankofa* é uma palavra vinculada derivada das palavras **SAN** (retorno), **KO** (go), **FA** (olhar, procurar e tomar) e constitui parte da filosofia Adinkra, do povo Akan, grupo étnico de povos habitantes na região leste da Costa do Marfim e de Gana. É representada por um ideograma composto por um pássaro mítico com os pés firmemente plantados para a frente e com a cabeça virada para trás. Esse ideograma é um dos símbolos mais conhecidos da cultura africana tradicional.

5 Trata-se de um dispositivo político-epistemológico vinculado à perspectiva da pesquisa-formação-ação, tendo a experiência pedagógica como mobilizadora da (re)construção da memória pedagógica dos(as) docentes. O dispositivo consiste em tornar públicos sentidos e significados construídos pelos/as docentes no movimento de narrar, ler, reescrever e comentar as experiências vivenciadas no cotidiano escolar, a partir da constituição de coletivos de narradores/as mobilizados/as por uma outra política de conhecimento que se constitui em processos de redes de formação (Suárez, 2021; Rios, 2022).

portanto, nosso ponto de partida. É também autoridade cultural para quaisquer reivindicações de autenticidade cultural para qualquer coisa que façamos e pensemos como um povo africano. Por sua vez, a razão é o pensamento crítico necessário sobre a nossa tradição, que nos permite selecionar, preservar e construir sobre o que de melhor conseguimos e produzimos, à luz do nosso conhecimento e das nossas necessidades nascidas da experiência. Desse modo, por meio da razão enraizada na experiência ou na prática da ética africana, nossa tradição como povo africano se torna e permanece uma experiência vivida, viva e constantemente expandida e enriquecida.

Ao considerar a filosofia *Kawaida* apoiamo-nos em seus princípios-chave, chamados de *Nguzo Saba*: *Umoja* (unidade), *Kujichagulia* (autodeterminação), *Ujima* (trabalho coletivo e responsabilidade), *Ujamaa* (economia cooperativa), *Nia* (propósito), *Kuumba* (criatividade) e *Imani* (fé), os quais são conceitos voltados para a construção e sustentação da comunidade moral e para o fortalecimento e manutenção da capacidade da comunidade de definir, defender e desenvolver seus interesses da forma mais positiva e produtiva possível; aqui, os utilizamos para considerar estratégias e movimentos de cuidado ancorados na agência e na localização de si e da própria história e que propõem ações co-formativas no processo de alfabetização.

Pensar a alfabetização a partir de tais paradigmas remete-nos à reflexão de Madhubuti (1990) sobre a construção de experiências educativas dos(as) estudantes pretos(as):

[...] Os estudantes negros devem ter profunda compreensão das realidades política, racial, econômica, científica e tecnológica que confrontam a sobrevivência de pessoas africanas local, nacional e internacionalmente. Eles têm que estar fundamentados em uma visão de mundo que promova a comunicação intercultural, o entendimento e o compartilhamento; eles ainda têm que ser auto-protetivos o suficiente para perceber que o mundo não é justo e que os próprios interesses muitas vezes entram em conflito com os interesses dos outros, especialmente quando a raça está envolvida. (Madhubuti, 1990, p.03).

Nesse sentido, compreendemos que pensar a articulação entre educação afrocêntrica e alfabetização na formação docente e na construção de experiências educativas com as crianças favorece a promoção da equidade, na medida em que permite oferecer a estudantes oportunidades justas de aprendizagem, considerando sua diversidade cultural, bem como proporciona o fortalecimento e a valorização da identidade de discentes e docentes. Nossa abordagem favorece que construam processos de ensino e aprendizagem desde suas próprias culturas e identidades, e conseqüentemente, a promoção de um senso de pertencimento que contribui para o realinhamento das narrativas e experiências produzidas no cotidiano das escolas. Além disso, favorece a construção de processos formativos que contribuem para autonomia, autoconsciência e fortalecimento identitário no processo de alfabetização por meio de estratégias que intencionam promover uma aprendizagem mais significativa.

O encontro com a afrocentricidade como teoria, mas também como modo de vida, nos permite a construção de experiências educativas que articulam o conteúdo programático a novos modos de pensar e viver o currículo escolar. Nessa perspectiva, com o intuito de contribuir com um processo de reafricanização, ou seja, de consciência sobre a cultura, história e produção científica africanas, que favoreça a capacidade de organizar, avaliar e classificar adequadamente as informações para lidar com a realidade à luz do que sua cultura define, cria, celebra, sustenta e desenvolve (Stockley; Cleveland, 2011). Conforme sinalizam Stockley e Cleveland (2011), a abordagem afrocêntrica na educação envolve trabalhar com estudantes pretos(as), fundamentando-os a partir de uma perspectiva

da realidade africana. Isso significa trazer à tona eventos, lugares, pessoas e coisas com referência pedagógica, identitária e formativa na trajetória histórica dos(as) descendentes de africanos(as). Nesse sentido, essa perspectiva inspira a produção de movimentos educativos que propiciem condições de aprendizagem nas quais estudantes pretos(as) possam autorizar-se a produzir suas próprias experiências educativas como atores e atrizes na diáspora.

A educação afrocêntrica não consiste apenas na inserção da história, cultura e produção científica africanas na sala de aula, mas também no movimento de pensar como a instituição educativa coletivamente opera a sua percepção de educação e questões étnico-raciais, nas dimensões interpessoal, administrativa, pedagógica, formativa etc. Dessa forma, ao considerar as práticas de leitura e escrita em articulação com a perspectiva afrocêntrica como forma de análise e de construção de modos de ensinar e de aprender, é necessário estarmos atentas(os) ao fato de que “os símbolos, palavras e conceitos devem apresentar-se com significado histórico para o cidadão” (Vasconcelos; Brito, 2006, p. 38). A leitura de mundo, através da imersão na cultura e na história, qualificará sobremaneira o universo de acesso ao conhecimento formal ou escolarizado (Santos, 2010, p. 95), sendo, portanto, um equívoco separar as práticas de leitura e escrita de processos ligados a aspectos que atravessam e constituem a subjetividade e identidade dos(as) estudantes.

É nesse contexto que defendemos a construção de práticas alfabetizadoras que tenham como ponto de partida as culturas, histórias, produção intelectual, tecnológica e científica de diferentes áreas do conhecimento a partir da experiência dos povos africanos, afrodiáspóricos em contextos urbanos, bem como conteúdos e estratégias didáticas relacionadas aos conhecimentos de língua portuguesa e/ou línguas tradicionais/maternas, culturas, histórias, produção intelectual, tecnológica e científica de diferentes áreas do conhecimento ligadas aos povos de origem africanos/indígenas, em escolas quilombolas, escolas de terreiro, escolas do campo e escolas indígenas.

Em relação aos processos de alfabetização, Santos (2010, p. 96) chama atenção para o fato de que:

Os estudos de alfabetização e a formação do educador alfabetizador, historicamente, minimizaram ou mesmo não se comprometeram com o debate de tema tão fundamental para a existência humana, especialmente no caso brasileiro, país composto pela diversidade étnica e racial, mas que pouco aprofunda a questão, talvez pela racionalidade que estrutura a formação da política brasileira e pela forma como os educadores vêm sendo formados ao longo dos anos. A questão étnica, como aspecto da cultura, torna-se parte de uma outra racionalidade contemporânea nos estudos e processos de alfabetização para a infância, especialmente no que se refere à formação de educadores alfabetizadores mais críticos, criativos e comprometidos com uma pedagogia para e na diferença e diversidade.

A autora provoca-nos a pensar sobre a importância dos processos de aprendizagem das crianças serem constituídos da sua história e cultura, em seus aspectos étnico-raciais; contudo, nem sempre percebemos tal questão como elemento central nos processos de formação docente, ou mesmo na sala de aula. Dessa forma, consideramos que pensar a alfabetização desde uma perspectiva afrocêntrica perpassa a construção de ações que sejam capazes de contribuir com a construção da autonomia e da autoconsciência dos(as) estudantes sobre seu processo de aprendizagem e, sobretudo, sobre sua origem, pertencimentos, ancestralidades.

Tal cenário demanda a organização de análises, movimentos de escuta, conversa, pesquisas, interação com outros colegas e a construção de propostas de intervenção com foco na reconstrução das narrativas em torno da cultura, história e identidade das pessoas pretas, a fim de motivar os(as)

estudantes a mergulharem no mundo da leitura e da escrita a partir de sua compreensão étnica. Dessa forma, consideram-se aqui alguns elementos como centrais para construção de experiências de alfabetização em sua articulação com uma análise afrocêntrica do processo educativo. Entre essas, entendemos ser essencial o desenvolvimento de uma prática que considere o protagonismo/agência das crianças no aprendizado, partindo do contexto cultural, social e familiar em que essas estão inseridas, garantindo reconhecimento e valorização das práticas culturais da comunidade em que o processo de ensino é desenvolvido.

Associada ao fomento, a agência, ao reconhecimento e valorização do conhecimento da comunidade, é necessária atenção às concepções de humanidade, tradição, comunidade, natureza, conhecimento e tempo, que se processam de formas diferentes na base eurocêntrica e na base afrocêntrica. Pensar essas relações na sala de aula e nos processos que atravessam as práticas de leitura e escrita aciona a compreensão e legitimação de fontes de conhecimentos partindo da localização e agência do povo preto e/ou indígena. Outra dimensão importante é que, desde essa perspectiva, reconhece-se a importância do envolvimento dos pais e da comunidade no processo educacional, de modo que na construção das propostas educativas valoriza-se a colaboração entre a escola, a família e outros membros da comunidade, visando a fortalecer os laços culturais e proporcionar um ambiente de aprendizado enriquecedor.

É importante pensar o lugar de África e da diáspora africana nas nossas experiências de oralidade, de leitura e de escrita. Assim, a reflexão que provocamos é sobre a inserção de literatura preta na sala de aula, mas também sobre a necessidade de atenção a vários fatores quando pensamos a organização dos processos de aprendizagem em contexto de práticas de leitura e escrita, desde a concepção teórico-metodológica que orienta nossa prática, passando pela definição de conteúdos e estratégias pedagógicas, pelo reconhecimento das especificidades dos sujeitos envolvidos no processo educativo, até a organização do ambiente, se conectando com as culturas, histórias, produção intelectual, tecnológica e científica por meio de metodologias que, por meio da autoria, da horizontalidade, das memórias e valores, forneçam uma base sólida para a alfabetização, fomentem a construção de habilidades de pensamento crítico, análise e reflexão, ao mesmo tempo em que promovam uma autoestima positiva, o orgulho étnico, a consciência cultural, senso de responsabilidade social e coletiva, contribuindo com um processo de reafricanização, ou seja, de consciência sobre a cultura e história africana, e favorecendo a capacidade de organizar, avaliar e classificar adequadamente as informações para lidar com a realidade à luz do que sua cultura que define, cria, celebra, sustenta e desenvolve.

Alfabetização em perspectiva afrocêntrica na Roda de Conexões: caminhos co-formativos

Para fins deste artigo, nossa análise será centrada em um relato de experiência pedagógica/formativa/investigativa de um processo de co-formação construído com um grupo de vinte docentes de diferentes regiões do país acerca de experiências afrocêntricas de leitura e escrita na Educação Básica. O trabalho foi desenvolvido a partir da Roda de Conexões, que se configura como um espaço autônomo de co-formação que agrega professores(as), profissionais da educação e famílias pretas e tem se constituído de forma independente, por meio de seus interesses em construir aprendizagens e compartilhamentos entre si, compondo redes de formação em diálogo com o Grupo de Pesquisa DIVERSO e com o Coletivo Baiano de Docentes Narradores/as.

É importante salientar que na Roda de Conexões são compartilhadas experiências, estratégias, ideias, desafios e compromissos a partir de uma docência e/ou de ação educativa (familiar ou comunitária) que se articula ou se interessa por colocar a centralidade africana no cotidiano da experiência pedagógica. Cabe situar que os encontros são orientados pelos princípios da afrocentricidade, da educação afrocêntrica, da *Kawaida* e da *Sankofa* como campos de possibilidades para reinvenção dos sentidos e das experiências que se fazem no interior da escola, na estruturação do currículo, nas práticas educativas, nos processos formativos e na vida das pessoas pretas. A Roda de Conexões ocorre mensalmente por meio da plataforma digital Google Meet e possui uma duração média de duas a três horas. O público é composto pelo coletivo de docentes (e famílias) que integram o grupo Mawakana Experiências Educativas Afrocêntricas e por pessoas que se inscrevem em formulário previamente divulgado.

Desde sua criação, durante a pandemia, a pluralidade das narrativas de experiências e de partilhas na Roda tem sido constante. A cada encontro a mediação inicial é tecida por um(a) integrante docente que conduz o encontro compartilhando sua experiência pedagógica e/ou reflexão e/ou estudos realizados e os(as) demais interagem, partilham suas experiências, apresentam dúvidas, estabelecem conexões, de modo que o delineamento dos encontros varia muito, porque a agência está na experiência de existir daquele(a) à frente da mediação; contudo, alguns aspectos são constantes em face dos princípios que orientam a proposta.

Os temas da roda são escolhidos por meio de indicação dos(as) integrantes do grupo sobre o que gostariam de partilhar ou aprofundar em termos de aprendizagem, de modo que o(a) integrante que tenha conhecimento acerca do assunto se oferece para realizar a mediação inicial ou, ainda, são convidadas pessoas ou instituições com experiências que o grupo entende como detentoras de potencial pedagógico para sua prática profissional. Esse movimento busca proporcionar um caminho de diálogo, de coletividade, de horizontalidade, aspectos essenciais para pensarmos processos co-formativos e modos de educar que considerem a centralidade africana.

A fim de apresentar as experiências pedagógicas afrocêntricas com foco em alfabetização construídas por meio da Roda de Conexões escolhemos o encontro intitulado ***Caminhos para a construção de práticas de alfabetização***, realizado em 2022. Esta roda teve como intenção compartilhar e mobilizar experiências alfabetizadoras afrocêntricas desenvolvidas com diferentes processos de leitura e escrita. Em um movimento inspirado pelo princípio *Sankofa*, nos encontros sempre temos como disparador do diálogo inicial a leitura de provérbios ou trechos de pensamentos de pessoas pretas, com foco na valorização da memória e da história, bem como os processos de localização de si – tanto de quem está na mediação quanto das pessoas presentes no encontro. Na Roda em questão, tivemos como disparador inicial uma frase de autoria de Bethânia Nascimento⁶, que movimentou o grupo em relação à importância de estudar/conhecer a própria história, a partir de suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais, compartilhando os ventos que os(as) levaram até a Roda. Sobre esse momento lembramos aqui o relato do professor Cairo, da região Nordeste, quando este relata a importância de um espaço de co-formação com outras pessoas pretas para falar sobre experiências alfabetizadoras:

A alfabetização é algo que me inquieta muito, porque sempre estou em uma das três turmas iniciais do ensino fundamental, e fico com a sensação de que o que aprendi na universidade não encaixa com a realidade que vivo, de modo que quando soube que teria esse encontro com outras pessoas pretas para pensar desde uma perspectiva que considera os corpos pretos, corri para me inscrever, porque parecia ser a resposta que buscava: estar com colegas que estavam com a mesma inquietação e pensar juntos em como oferecer processos educativos mais significativos para aliar aprendizagem e história. (Professor Cairo)

6 O pensamento utilizado foi “Quando a gente sabe da onde a gente vem, sabe para onde vai”, de autoria de Bethânia Nascimento.

De certa forma, o relato do professor Cairo reflete justamente os aspectos que nos motivam a construir os encontros de Roda de Conexões: possibilitar que juntos pensemos e compartilhemos experiências que nos conduzam a outras possibilidades no processo de habitar a docência e de construir os modos de ensinar e aprender.

Por meio de uma nuvem de palavras, o grupo foi instigado a pensar sobre quais suas principais dificuldades e dúvidas em relação à construção de práticas pedagógicas afrocêntricas de leitura e escrita. Face a essa atividade, se abriu espaço para reflexão quanto a educação afrocêntrica, as diferenças ou semelhanças em relação a outras abordagens que têm a questão étnico-racial como campo de atuação (educação antirracista, educação afro-brasileira, educação decolonial, educação centrada em África, educação panafricanista, entre outras). Dando continuidade, discutimos sobre as abordagens que fundamentam estudos e práticas de alfabetização no Brasil e indagamos sobre a necessidade ou não de uma proposta de alfabetização dentro de uma perspectiva afrocêntrica. A roda girava em conversas, narrativas e (com)posições.

Nesse momento, os(as) docentes, por meio das narrativas sobre suas experiências formativas inicial e continuada, pontuaram que os referenciais que fundamentaram as teorias e pesquisas educacionais – e, conseqüentemente, os currículos e práticas pedagógicas a que tiveram acesso desde sua graduação – têm uma base eurocêntrica e/ou latino-americana, as quais em certa medida desconsideram as especificidades das experiências e modos de existir das crianças pretas e indígenas ao generalizar processos. Nessa linha, dialogamos sobre o que seria uma alfabetização em perspectiva afrocêntrica e qual a sua potencialidade para a experiência de aprendizagem das crianças pretas. Compartilhamos aqui a narrativa da professora Acra, residente na região Sudeste, que sintetiza em certa medida as reflexões produzidas pelo grupo.

Acredito desde tudo que falamos aqui que a alfabetização em perspectiva afrocêntrica relaciona-se com a reflexão sobre as teorias, metodologias, modos de pensar e produzir as práticas de alfabetização considerando os princípios da afrocentricidade, e ao mesmo tempo o exercício de inserir nas práticas de leituras e escritas desenvolvidas em classe de alfabetização conteúdos e estratégias didáticas que tenham como ponto de partida saberes de diferentes áreas do conhecimento a partir da experiência dos povos africanos e afrodiáspóricos. (Professora Acra)

A síntese da professora Acra expressa o que buscamos construir enquanto base para pensar uma proposição que constitua uma análise afrocêntrica da alfabetização e, com isso, conduza-nos à construção de ações que possam realinhar as estratégias pedagógicas. Cabe situar que os pensamentos produzidos pelo grupo remetem-nos à sinalização de Santos (2010, p.96), quando afirma ser importante os (as) alfabetizadores(as) reconhecerem que “a criança afrodescendente tem conhecimento rico oriundo da sua própria constituição cultural em seus aspectos étnico-raciais e que tem direito de expressar sua autenticidade nas classes de alfabetização e na escola de forma geral”.

Considerando as potencialidades da educação afrocêntrica para as práticas de leitura e escrita, o grupo construiu uma rede de palavras que se alinhava às estratégias para o desenvolvimento do caminho de experiências pedagógicas afrocêntricas de alfabetização mobilizados por indagações que buscavam conhecer sobre as suas práticas de alfabetização. A professora Alexandria, da região Norte, compartilhou algumas das suas experiências alfabetizadoras; trazemos um trecho do seu relato:

Uma das estratégias que utilizo na alfabetização nas classes que leciono é utilizar a literatura infantil associada a construção de jogos de leitura e escrita, mas também vivemos experiências sensoriais associadas a realidade das crianças, de modo que alfabetizar ultrapassa conhecer letras, sons, escrever ou ler palavras e textos, mas se constitui como uma experiência multissensorial, em que brincamos com terra, com sabores, com objetos, com cheiros, sons e partindo de todo um conjunto de coisas, reconhecemos as letras, as palavras, criamos histórias orais e escritas individuais e coletivas, registramos a rotina da família, enfim, tentamos sair daquela lógica de ansiedade e tensão que às vezes o cotidiano escolar e familiar acaba gerando na criança que está nesse processo de aprendizagem. (Professora Alexandria).

A experiência relatada pela professora Alexandria permite-nos conhecer uma prática que considera diferentes dimensões do *fazer-sentir-pensar* a alfabetização com crianças pretas, buscando romper com modelos que geram distanciamento, tensões, processos mecânicos e permitindo que as crianças experientem a alfabetização por meio dos seus diferentes sentidos e movimentos em sala de aula e em família.

Na sequência, partindo de vivências construídas pela mediadora foram apresentadas imagens de experiências pedagógicas de leitura e escrita circunscritas aos processos de alfabetização de crianças da rede municipal de Salvador e, por meio dessas, foram discutidas as bases utilizadas para fundamentar os processos de alfabetização em uma perspectiva afrocêntrica.

Entre os aspectos considerados na construção das experiências pedagógicas inspirados pelos princípios *Nguzo Saba* e da *Kawaida* como dimensões que valorizam a tradição e a razão da ética africana, foram apresentadas dimensões a serem alinhadas nas experiências pedagógicas, dentre essas: o protagonismo/agência das crianças no aprendizado, a adoção de teorias/saberes que considerem a centralidade das experiências (ideias, culturas, histórias, valores ancestrais, legado etc.), a compreensão e legitimação de fontes de conhecimentos partindo da localização e agência do povo preto, o reconhecimento e valorização das práticas culturais da comunidade em que a prática educativa é desenvolvida e a participação da família; valorização de línguas tradicionais africanas e afrodiáspóricas; atenção às concepções de humanidade, natureza, conhecimento e tempo.

Compartilhando algumas das experiências construídas com suas turmas de 2º ano do ensino fundamental, a docente mediadora narrou algumas experiências pedagógicas alfabetizadoras, pontuando que o trabalho começou pelo conhecimento da turma e de suas famílias; para isso, foram realizados momentos de rodas de conversa para que as crianças compartilhassem seus conhecimentos prévios e vivências de mundo que lhe permitissem compreender quais valores e conhecimentos sobre os povos africanos e afrodiáspóricos as(os) estudantes possuíam. Ao mesmo tempo, os(as) estudantes foram estimulados(as) a realizar pequenas entrevistas com as famílias que permitiram à docente mediadora conhecer algumas dimensões do universo da leitura e da escrita na realidade familiar, entre essas: carência de momentos de leitura em família, famílias com pouco acesso a material de leitura, famílias que gostavam de poesia e contos, famílias que tinham interesse em construir rotinas de leitura, mas que não sabiam como começar.

Partindo das informações produzidas nessas iniciativas, a docente mediadora relatou que procurou trabalhar a perspectiva dos(as) estudantes olharem para si, para suas famílias e para a comunidade através dos seus próprios olhos, construindo por meio das propostas oportunidades de autodefinição e de fortalecimento do autoconceito positivo, além da compreensão de seu lugar como continuidade ancestral e autonomia; entre as atividades voltadas a estes fins, destacam-se a produção de livros autorais⁷ e a produção do Diário de visita⁸.

7 Consiste na ação de fomento à escrita de livros artesanais a partir de temas trabalhados na escola, a exemplo de: caderneta sobre alimentação saudável infantil como forma de combate ao nutricídio, receitas produzidas em família, plantas medicinais adotadas pela família, biografias de médicos(as) pretos(as) ao longo da história.

8 Diários sobre a visita das bonecas e dos bonecos afirmativos que passam o final de semana com a criança, devendo participar de toda rotina com a família, a qual deve ser registrada no diário contando com a participação da família no registro fotográfico e na resposta de algumas perguntas que compõem o instrumento de registro.

Dialogando sobre os processos de análise do currículo e construção do planejamento, a professora mediadora relatou que sua organização perpassa pela reflexão quanto a seleção de material didático-pedagógico e organização do espaço, incluindo as imagens que circulam nos ambientes e nas atividades, livros didáticos e literatura infantil/infanto-juvenil, atividades propostas e suas articulações com currículo, eixos de trabalho e referencial escolhidos. O trabalho pautou-se na análise da presença das crianças nas narrativas, nas imagens, nos protagonismos construídos e na relação com a herança ancestral.

Outra dimensão abordada pelo relato pedagógico da docente mediadora diz respeito aos processos de agência e autoria docente, quando esta revela que nas suas práticas de alfabetização buscou elaborar materiais pedagógicos (jogos, murais, pesquisas, livros autorais, alfabetários, brincadeiras etc.) com foco nas práticas de leitura e escrita que consideravam os elementos históricos, sociológicos, filosóficos e psicológicos dentro de uma perspectiva africana, afrodiaspórico e além de dimensões relacionadas a aspectos das histórias familiares das crianças da turma, e da adoção do uso de recursos naturais/materiais encontrados na própria comunidade, como sementes, plantas, frutas, alimentos, pesquisa na própria comunidade e relatos de histórias com pessoas mais velhas como forma de potencializar as aprendizagens das crianças e engajar as famílias. Por fim, a docente mediadora compartilhou uma iniciativa de trabalho com as literaturas africanas, afrodiaspóricas e indígenas abordando as cosmopercepções desses povos, bem como os aspectos geopolíticos, culturais, sociais, linguísticos, espirituais, artísticos, tecnológicos, a organização política, os modos de vida, os valores (autodeterminação, trabalho coletivo, responsabilidade, propósito, família, economia cooperativa, criatividade, concepção de humanidade, natureza e tempo etc.), a importância da tradição oral e da contação de histórias para preservação da memória, bem como discussão sobre o cotidiano das crianças que habitam aldeias ou centros urbanos em diferentes países africanos, territórios quilombolas e territórios indígenas nos dias de hoje. Como culminância desse trabalho, a mediadora relatou ter sido realizado um circuito de aprendizagem⁹ em que as crianças, ao final da unidade, apresentaram suas aprendizagens e construções às crianças de outras turmas, além da realização de sessões de contação de histórias mediadas pelas próprias crianças.

Tais relatos revelam a potencialidade da construção de modos outros de *fazer-sentir-pensar* a alfabetização articulando a agência das crianças, das famílias, da comunidade e da própria professora, por meio de estratégias que, embora não deixem de considerar o currículo vigente, buscam articular pontos de partida que estão atravessados pela existência daqueles(as) com quem se constrói a experiência educativa.

Após dialogar sobre as partilhas, o grupo refletiu sobre os princípios do currículo afrocêntrico e sobre como organizar-se para estudar e planejar experiências de leitura e escrita dentro de uma perspectiva afrocêntrica, estabelecendo como caminhos a localização de referências, movimento de pesquisa, leitura e análise para compreender de forma aprofundada o pensamento afrocêntrico e aproximação com outros(as) professores(as) que se interessem pelo campo. Esse momento do encontro configurou-se como um debate teórico acerca do assunto entrelaçado às experiências realizadas em sala tanto pela mediadora quanto pelos(as) demais professores(as) para pensar as estratégias e potenciais pedagógicos vivenciados por cada um(a). O grupo seguiu interagindo conectando suas experiências, vivências, dúvidas e inquietações.

O encontro foi concluído mobilizando a compreensão de que o pensamento afrocêntrico propõe outra forma de compreender a realidade, a sociedade, a produção de conhecimento e as experiências de alfabetização daqueles(as) que vivem e transformam a escola.

9 Consiste na ação de pesquisa com os(as) estudantes acerca de livros de literatura infantil e infanto-juvenil preta, seguida da análise, da montagem de mapeamentos por eixos temáticos e da apresentação dessa produção a estudantes de outras turmas.

Circularidades

O presente texto teve como objetivo apresentar como as práticas de leitura e escrita afrocêntricas produzem outras políticas de conhecimento no campo da Alfabetização, partindo de narrativas de experiência, diálogos teóricos, autoria docente e construção de conhecimento entre pares em uma experiência-formação na Roda de Conexões com docentes que se inspiram em pedagogias afrocêntricas.

Nesse sentido, buscamos revelar como educadores(as) têm construído suas experiências pedagógicas alfabetizadoras; com este propósito, dialogamos sobre a docência afrocêntrica como lugar de produção de outros modos de *fazer-sentir-pensar* a alfabetização, contextualizando a base teórica dessa perspectiva e sua importância diante dos dados estatísticos que marcam a realidade nacional em relação a aprendizagem de leitura e escrita das crianças pretas brasileiras. O trabalho destacou as filosofias africanas como pontos de partida para a construção de outras pedagogias alfabetizadoras centradas na experiência de existir das crianças pretas.

Os relatos de experiências pedagógicas afrocêntricas de alfabetização de crianças pretas compartilhados na Roda de Conexões revelam-nos que professores(as) de diferentes estados do Brasil (e de outros países) buscam esse espaço para fortalecer e transformar as pedagogias desenvolvidas em seus locais de atuação, bem como construir encontros de estudo, que se fazem espaços coletivos de co-formação, para discutir e partilhar experiências de pertencimento, de fortalecimento de coletivos e de busca por autorias/agenciamentos sustentados nos paradigmas afrocêntricos.

Podemos perceber também que tais modos de habitar a docência afrocêntrica tanto se constituem em modos de cuidar/educar os(as) estudantes quanto em modos de cuidar/educar os(as) docentes, na medida em que estes(as) revelam que, enquanto estudam para ensinar suas turmas, curam-se das negações e invisibilidades produzidas em seus próprios processos de escolarização e formação docente. Construir uma experiência alfabetizadora numa perspectiva afrocêntrica implica acima de tudo na construção de uma análise crítica do currículo e de práticas pedagógicas orientadas pela autonomia, agência e autoria docente, em que o trabalho entre pares e fortalecido em e por coletivos torna-se fundamental.

Por fim, sinalizamos que construir experiências em sala de aula da Educação Básica que articulem formas de existir e resistir exige um movimento coletivo e autoral na produção de saberes que mobilizem as demandas insurgentes do cotidiano escolar. Ademais, as reflexões que propõem uma forma afrocêntrica de pensar e produzir processos de alfabetização produzem, de certa forma, experiências que fissuram as propostas epistêmicas e metodológicas hegemônicas que atravessam os currículos escolares (e universitários) e, conseqüentemente, seus projetos e práticas pedagógicas.

Referências

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 121-145.

ASANTE, M. K. **Afrocentricidade: A teoria de Mudança Social**. Trad. Ana Ferreira e Ama Mizani. Philadelphia: Afrocentricity International, 2014.

KARENGA, Maulana. A função e o futuro dos estudos africanos: reflexões críticas sobre sua missão, seu significado e sua metodologia. In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 333-359.

MADHUBUTI, Haki; MADHUBUTI, Safisha. Educação Afrocentrada: Seu valor, importância e necessidade no desenvolvimento de crianças negras. In: **Journal of Education**, Boston University, v. 172, n. 2, 1990. [Trad. Roberta Maria Federico (2018) – CEFET/RJ.

NASCIMENTO, Beatriz. É tempo de falarmos de nós mesmos. In: RATTI, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kuanza, 2007, p.91-129.

SANTOS, Ana Kátia Alves dos. Formação do educador alfabetizador e infância afrodescendente. In: SANTOS, Ana Kátia Alves dos (Org.). **Alfabetização para a infância**: perspectivas contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2010, p.93-118.

SHOCKLEY, Kmt; CLEVELAND, Darrell. Culture, Power, and Education: The Philosophies and Pedagogy of African Centered Educators. **International Journal of Critical Pedagogy**, v. 3, n. 3, 2011, pp. 54-75. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277073892_Culture_Power_and_Education_The_Philosophies_and_Pedagogy_of_African_Centered_Educators. Acesso em: 07 ago. 2021.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios. **Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas**: por outros movimentos insubmissos da formação docente na Educação Básica. Coleção Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

SUÁREZ, Daniel Hugo; DÁVILA, Paula, ARGNANI, Agustina; CARESSA, Yanina. **Documentación narrativa de experiencias pedagógicas**: una propuesta de investigación-formación-acción entre docente. Buenos Aires: Editora, 2021. (Col. Cuadernos del Instituto de Investigación de Ciencias de la Educación, 6)

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Nota técnica**: impactos da pandemia na alfabetização de crianças. Brasília, 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/02/digital-nota-tecnica-alfabetizacao-1.pdf>) Acesso em 08.fev.2023.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; BRITTO, Regina Helena Pires. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2006.

Recebido em: 09/06/2023

Aceito em: 05/02/2024